

# Sarney quer toda a Nação promovendo a cultura

JORNAL DE BRASÍLIA

13 MAR 1985

Alvaro Alves de Faria

"Já passou o tempo em que um simples gesto de D. João VI importava missão artística francesa e criava o Instituto de Belas Artes, no Brasil. Já passou o tempo em que bastava, para as nossas ambições culturais, que D. Pedro II mantivesse bolsistas na Europa, franqüentemente, à sua própria custa, para pesquisar documentos, ou dar, lá fora, uma impressão lisonjeira do nosso desenvolvimento cultural".

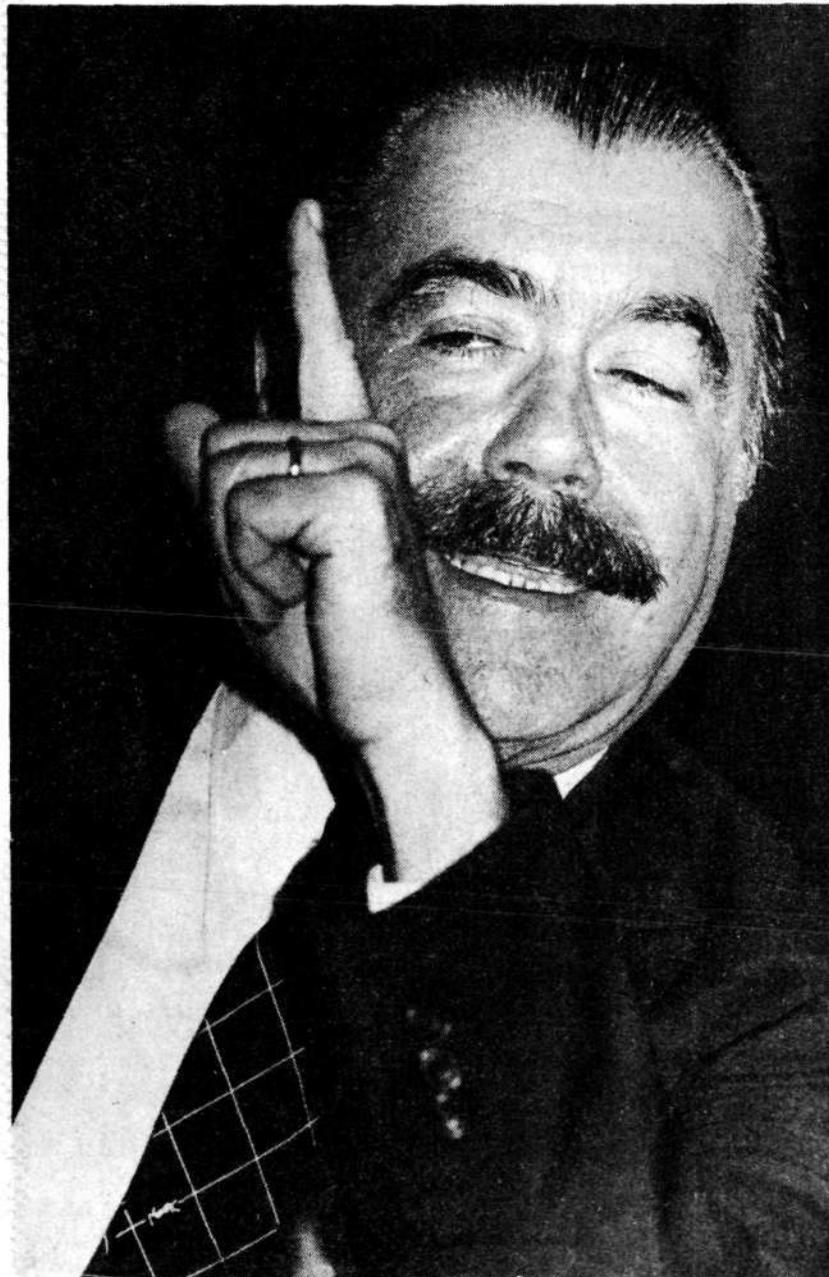
São palavras do presidente em exercício José Sarney que esteve em São

Paulo pouco antes dos acontecimentos políticos que envolveram nosso país com a doença do presidente Tancredo Neves. Sarney foi convidado especial do "Seminário Internacional de Legislação Cultural", realizado com a presença de grande número de técnicos estrangeiros. Teve uma participação aplaudida ao defender seu projeto para a cultura do País.

— "É preciso que o Estado e a área econômica privada se unam na tarefa salvadora de ajudar a cultura, fazendo-a parte integrante do planejamento governamental" — disse Sarney.

Garantiu que não cabe só ao Gover-

Marcio Di Pietro



Para Sarney, o crescimento econômico não pode esquecer a base cultural

no a promoção cultural. "Ela deve ser responsabilidade de toda a Nação. Assim, não podemos consentir que a força do poderio econômico se destine exclusivamente aos bens de consumo. É necessário congregarmos a iniciativa privada no movimento conjunto, no sentido de promover a cultura do Brasil a fim de que, nos índices de crescimento econômico brasileiro, se destaquem os níveis do crescimento da cultura. Isto porque um país sem vigor cultural não poderá jamais ser grande, por maiores que sejam os seus índices econômicos. Chegou o instante de conciliarmos as duas realidades: o progresso material e cultural".

**"Não se pode permitir ou aceitar que a tecnoestrutura se aproprie onipotente de todas as oportunidades de decidir o que é desejável fazer"**

## Civilização do consumo

José Sarney informou que participava do seminário não apenas pela sua própria condição de escritor, como pelo empenho que venho tendo ao longo dos meus trinta anos de vida pública em apoiar e lutar pela evolução intelectual da sociedade brasileira e pela integração da cultura com o desenvolvimento".

Acrescentou: "O desenvolvimento brasileiro pode chegar aos mesmos erros cometidos nos países onde o processo é mais antigo. Ele segue os passos da era industrial e, ao julgá-lo, julgamos os valores da civilização de consumo".

Mas o Brasil tem uma oportunidade que as velhas nações não tiveram: retificar caminhos, modificar rumos e evitar e corrigir falhas cometidas, através de medidas corretivas contra a concentração de renda, desniveis regionais e injustiças sociais. "O desenvolvimento econômico conduz, quando não vigiado, a distorções de consequências imprevisíveis. Um deles é a tendência de marginalizar os valores culturais".

O presidente em exercício afirma que o desenvolvimento econômico tem, no mundo inteiro, gerado uma sociedade de conquistas materiais. "É claro que não se pode negar o fundamental da preocupação dos que dirigem na Nação com o seu crescimento econômico e a prosperidade material, a partir de estruturas tecnológicas. Mas não se pode permitir ou aceitar que a tecnoestrutura se aproprie onipotente de todas as oportunidades de decidir o que é desejável e inadiável fazer, esquecendo-se dos aspectos humanísticos e da base cultural que deve ter todo desenvolvimento".

## Suplemento de Alma

Para Sarney, até agora "as nossas autoridades disseram abertamente que a chave do nosso progresso seria a economia de mercado, fazendo-se o Estado condutor e juiz das linhas de forças desse mercado, no rumo da chamada civilização industrial".

Lembra que a história do comportamento das sociedades modernas foi descrita por um economista que é também um humanista, o americano John Kenneth Galbraith, em sua obra "O Novo Estado Industrial". Pois são as exigências da tecnologia e da organização que levam a uma simplificação grosseira, mas altamente funcional do ponto de vista econômico, da visão do homem. Para render o máximo em produção de bens de consumo, a sociedade é forçada a mobilizar seus esforços e seus interesses num sentido unilateral, deixando fora do campo do planejamento as esferas de ação e de significação que a tecnoestrutura não considera relevantes (ou não percebe) para a maximização dos resultados. O próprio sistema educacional, posto a serviço dessa mobilização, está voltado para os interesses da produção e da ativação do mecanismo econômico.

O presidente em exercício cita palavras de Galbraith: "Sou levado à conclusão de que estamos nos tornando escravos, tanto em pensamento como em ações, da máquina que criamos para nos servir. Essa servidão é, sob muitos aspectos, confortável e alguns olharão com espanto ou talvez mesmo indignação para alguém que dela proponha a fuga. Certas pessoas nunca estão contentes. Preocupo-me em sugerir as linhas gerais de emancipação. De outro modo, permitiremos que os objetivos econômicos exerçam um monopólio indevido em nossa vida, às expensas de outros e mais valiosos interesses. O que conta não é a quantidade de nossos bens, mas sim a qualidade de nossa vida".

Seguindo essa linha, Sarney lembra, também, o filósofo Bergson que, no início da segunda revolução industrial, reclamava um "Suplemento de Alma" para o descomunal corpo tecnizado da cultura de nosso tempo.

Sarney assinala que o que se percebe, atualmente, em todos os países desenvolvidos — sejam socialistas ou capitalistas — é que o planejamento operou milagres e só ele pode obter sucesso na organização dos fatores de produção. Não é o planejamento que está em questão e, sim, a sua redução aos interesses do sistema de produção: "O que se reclama não é a redução do planejamento, mas a sua extensão a outros campos que não os de interesse da produção e do consumo de massa".

## A febre da produção

Para José Sarney, a tecnocracia veio para ficar. Não podemos prescindir de soluções técnicas para problemas cuja complexidade ultrapassa a compreensão comum. Cabe, no entanto, estar

atento para as deformações da redução dos interesses do homem, e não cair nessa passividade que gera o mais pobre e o mais desconfortável conforto que a humanidade já conheceu:

— "Que haja recursos para a pesquisa, para a invenção e para a produção de novos bens. Mas que se destinem, também, recursos para as Artes, para o Cinema, Literatura, para as pesquisas históricas, as Ciências Sociais, para a defesa do patrimônio cultural" — afirma Sarney.

E mais: "Somos um país mergulhado na febre da produção de bens e nos envaidecemos com o que somos capazes de produzir. Mas, aos poucos, é preciso ver que não podemos repetir a trajetória das sociedades industrializadas que se esqueceram de um "Suplemento de Alma".

O presidente em exercício acha que nunca o Brasil teve tantas condições para se desenvolver culturalmente como agora: "A sociedade industrial que se cria pode dar um lugar de destaque à máquina e sua organização, mas deve, sobretudo, dar um lugar mais destacado ao homem".

Para Sarney, nas condições atuais, "o Estado contemporâneo, por mais poderoso que seja, não pode, nas democracias, tomar a si integralmente a solução e a defesa dos valores da cultura artística e literária". Temos, assim — conforme diz — de colocar a cultura entre os objetivos da sociedade industrial. Ela deve ser uma meta, como os índices de crescimento:

— "A sociedade industrial, com seu subdesenvolvimento mental, é uma

**"À quantidade de uma vida angustiada, sobreporemos a qualidade de uma vida que tenha ampla janela para os valores do espírito"**

sociedade burra, que leva a coisa nenhuma, que simplesmente tem o objetivo de engordar, tornando-se degenerativa e pronta para os graves problemas de ordem política e social, incapazes de serem pensados, prevenidos ou solucionados".

## Iniciativa privada e Poesia

Sarney apresentou dezesseis itens nos quais a iniciativa privada deve ser mobilizada e incentivada pelo Estado em sua participação. São os seguintes: 1. Na compra de obras de arte; 2. Na edição de livros de arte e patrocínio de edições de relevo cultural; 3. Na edição sem fins lucrativos de obras de interesse

cultural; 4. No estímulo a edições de autores estreates; 5. Em prêmios destinados a livros, obras de arte e partituras musicais; 6. Na recuperação de prédios e logradouros públicos de interesse para o patrimônio artístico e cultural da Nação; 7. Na ereção de monumentos que visem a preservar a memória histórica e cultural do País; 8. Na realização de congressos, seminários, ciclos de debates, estudos e pesquisas que tenham por objeto a literatura, as artes e a cultura nacionais; 9. No apoio ao estudo e à preservação do folclore e das tradições populares; 10. Na produção de manifestações musicais artisticamente válidas; 11. Na promoção, ajuda, colaboração ou qualquer outra forma de participação na elaboração de espetáculos considerados de interesse das artes cênicas, bem como na construção, reforma, restauração de teatros, salas ou quaisquer outros ambientes que se destinem às artes cênicas; 12. Na construção e organização de museus de interesse cultural; 13. No apoio a atividades comunitárias de alcance cultural; 14. Na compra de ações preferenciais, sem direito a voto, de editores que apliquem pelo menos 50% de seus títulos de autores nacionais; 15. Em doações de livros, adquiridos no mercado editorial, às bibliotecas federais, estaduais, municipais ou escolares, desde que os livros sejam de autores ou tradutores nacionais e editados por editoras nacionais; e 16. Na subscrição de ações preferenciais sem direito a voto, de empresas do mercado livreiro e editorial, regionais ou nacionais, devidamente credenciadas pelas entidades do setor.

José Sarney assinala que a sociedade industrial cria outros valores: o sucesso social é baseado no êxito material. Os valores espirituais são colocados à margem. Por isso, os nossos homens de negócio talvez não achem importante participar do movimento cultural brasileiro. Mas para "conseguir uma integração global da iniciativa privada e do Estado, num projeto cultural, o planejamento deve evitar que se acentue e mesmo desapareça o desnível entre desenvolvimento econômico e cultural". Para ele, esse objetivo corrigirá o perigo de colonização cultural e estabelecerá as bases de uma grande aliança no sentido de transformar o panorama intelectual do Brasil.

Finalmente, José Sarney diz o seguinte:

— "Esta é minha contribuição de homem público e intelectual ao novo Governo que tem à frente também um intelectual como o presidente Tancredo Neves. Um governo que irá, sem qualquer dúvida, humanizar o nosso progresso e aliar, indissolavelmente, ao desenvolvimento material o desenvolvimento cultural, criando o nosso almejado "Suplemento de Alma". A quantidade de uma vida angustiada, sobreporemos a qualidade de uma vida que tenha ampla janela para os valores do espírito e um convite de noivado para o sonho e a poesia".